
A qualidade na ficção seriada infantojuvenil: uma análise de *Julie e os fantasmas*¹

Leony LIMA²
Mariana MEYER³
Gabriela BORGES⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre a qualidade na ficção infantojuvenil brasileira adotando como objeto de estudo a série *Julie e os fantasmas*, coprodução entre a produtora Mixer, o canal aberto Band e o canal por assinatura Nickelodeon, entre 2011 e 2012. Abarcando da construção da narrativa à experiência estética proposta ao público, tal análise utiliza a metodologia proposta por Borges (2014a) de caráter semiótico, considerando indicadores de qualidade divididos em três planos: da expressão, do conteúdo e mensagem audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: qualidade; infantojuvenil; ficção seriada; *Julie e os fantasmas*.

A QUESTÃO DA QUALIDADE

O que pode se considerar como qualidade televisiva? Esta é uma pergunta ampla, considerando que a ideia de qualidade é subjetiva. Os estudos sobre a qualidade televisiva tiveram início na Grã-Bretanha, na década de 1980. Autores como Pujadas (2013), consideram que “não há nenhuma definição da qualidade televisiva que seja neutra ou objetiva nem existe tampouco um conjunto de variáveis e indicadores neutros para avaliá-la” (PUJADAS, 2013, p. 236). Sendo assim, não existe uma fórmula perfeita e constante para definir o que é a qualidade na televisão. Lopes e Mungioli (2013) defendem a importância de ter em mente que o conceito de qualidade, além de ser subjetivo, pode depender de diversos fatores, como

[...] quem está analisando o programa; quais as referências culturais de quem o analisa; em que contexto está sendo analisado; em que cultura o programa se insere; quando foi produzido e quando foi transmitido; qual aspecto está sendo analisado (técnico, estético, pedagógico); se a análise se ancora no ponto de vista do receptor, do realizador ou da emissora. (LOPES; MUNGIOLI, 2013, p. 5)

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Literacia Midiática. E-mail: leony.lima@estudante.ufjf.br

³ Graduada em Jornalismo pela UFJF. E-mail: marianaagmeyer@gmail.com

⁴ Doutora. Professora e vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. E-mail: gabriela.borges@ufjf.edu.br

Portanto, as análises acerca do conceito de qualidade não definem, categoricamente, se o serviço televisivo é bom ou ruim. Borges (2014a), afirma que as diversas abordagens “enriquecem a discussão e apontam ideias que podem servir como parâmetro teórico para estimular a prática e a construção de um repertório de qualidade sobre a televisão” (BORGES, 2014a, p. 5).

Machado (2000, p. 23) declara que “a discussão sobre a qualidade em televisão está longe de ser uma matéria de consenso”, mas que o debate sobre a qualidade da televisão é imprescindível. Borges (2014a) afirma também que “a televisão tem um papel institucional e age na comunidade muitas vezes promovendo debates e resolvendo problemas que em outras instâncias institucionais seriam mais difíceis de serem resolvidos” (BORGES, 2014a, p. 27). Nesse contexto, podemos considerar que a TV possui um papel de formação social, partindo do ponto de que ela, como fruto dos atores de diversos núcleos da sociedade, atua no enriquecimento dos processos de socialização.

QUALIDADE EM PROGRAMAS INFANTOJUVENIS

Dentro do contexto da qualidade televisiva, chamamos atenção ao aspecto da qualidade nos programas infantojuvenis que, para Pereira (2005), vai além da ausência de violência e “dissimula questões mais amplas relacionadas com a qualidade, a diversidade, a identidade cultural e a regulamentação da televisão para crianças” (PEREIRA, 2005, p. 6). A autora reconhece que a qualidade da programação infantojuvenil ainda

requer não só um conjunto de valores e de princípios ao nível dos conteúdos, mas também um sentido de responsabilidade para com o público infantil, baseado no cumprimento da legislação existente, na adesão a normas profissionais específicas, bem como no reconhecimento e no respeito de valores e práticas sociais mais amplas da sociedade em que se inserem. (PEREIRA, 2005, p. 9)

O Manual da Nova Classificação Indicativa, elaborado no Brasil em 2006, determinou uma série de deveres a serem seguidos na produção de um material audiovisual infantojuvenil. Sendo eles, os desenvolvimentos dos comportamentos cooperativos, solidários e de ajuda aos demais; comportamentos que denotam responsabilidade; a valorização da honestidade e o respeito aos demais; valorização da capacidade de resolução de conflitos; valorização das habilidades cognitivas da criança;

valorização do conhecimento; valorização dos conteúdos que incentivem os cuidados com o corpo e as habilidade manuais/motoras; valorização ao estímulo à diversidade e a cultura de paz; desenvolva habilidades sociais e emocionais; menção aos direitos humanos de forma positiva; opiniões/informações divergente/plurais; e a regionalização da programação e produção independente (ROMÃO; CANELA; ALARCON, 2006, p. 27–29).

Os estudos desenvolvidos por Borges (2014a) apontam parâmetros para análise da qualidade na área infanto-juvenil, pautando-se no “papel desempenhado pela televisão na educação e na produção de sentido pelas crianças” (BORGES, 2014a, p. 63). Nesse sentido, a análise e crítica dos conteúdos emitidos pela televisão contribui para que “as crianças tenham acesso a programas de qualidade para que desenvolvam suas competências e habilidades de leitura das imagens e dos discursos televisivos e possam criar conteúdos criativos e inteligentes” (BORGES, 2014b, p. 60).

PERCURSO METODOLÓGICO

Para elaboração da análise a seguir, partimos da metodologia semiótica de Borges (2014a), com contribuições do aprofundamento realizado por Borges e Sigiliano (2021), que considera a criação, a circulação e a experiência estética dos produtos comunicacionais.

A análise se divide em três momentos Planos da Expressão, do Conteúdo e a Mensagem Audiovisual. Também é considerado o papel dos telespectadores, uma vez que a compreensão da experiência estética é fundamental para a compreensão dos contornos transmidiáticos e da cultura participativa.

Os indicadores do Plano na Expressão consideram a produção de sentido a partir da: ambientação; caracterização dos personagens; trilha sonora; fotografia; e edição (BORGES, 2014a).

No Plano do Conteúdo, discute-se a qualidade em relação aos temas abordados pelos programas e abrange: ampliação do horizonte do público; diversidade de pontos de vista; promoção da identificação do espectador; apelo à imaginação; conflito e personagens do programa (BORGES, 2014a). O indicador ampliação do horizonte do público, refere-se a abordagem de temas pouco conhecidos e que contribuem para ampliar o repertório cultural do telespectador. A análise da diversidade de pontos de vista pretende identificar se há uma pluralidade dos temas abordados e dos indivíduos

representados na narrativa. O indicador relacionado à promoção da identificação do espectador refere-se aos mecanismos que o programa adota para que o público se identifique com as narrativas abordadas. O apelo à imaginação pretende entender os estímulos ao público a partir da série para a produção criativa. Por sua vez, a análise dos indicadores conflito e personagens do programa pretende abordar a forma em que os conflitos são estabelecidos na narrativa, bem como traçar o perfil dos personagens do programa.

Por fim, os indicadores da Mensagem Audiovisual atuam no intuito de refletir sobre os dados obtidos na análise do Plano da Expressão em conjunto com o Plano do Conteúdo, compreendendo inovação/experimentação; originalidade/criatividade; apelo à curiosidade; e solicitação da participação ativa do público (BORGES, 2014a). Estes indicadores estão relacionados tanto à criação do audiovisual de forma original e criativa quanto à experiência estética do público que se inicia na televisão e pode desdobrar-se em outras mídias.

A partir deste escopo, nosso objetivo é compreender as formas de expressão presentes em *Julie e os fantasmas* como propostas estéticas de qualidade e sua relação com o público, considerando à época de sua exibição.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE *JULIE E OS FANTASMAS*

Julie e os fantasmas é uma série de televisão infantojuvenil produzida pela Mixer em parceria com a Band e o canal Nickelodeon, da programadora Viacom. A produção foi premiada com o Troféu da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de melhor programa infantojuvenil de 2011 e foi indicada ao Emmy Kids Awards em 2012.

Composta por 26 episódios de 22 minutos, a série acompanha a história de Juliana Spinelli (Mariana Lessa). Apelidada por Julie, ela é uma adolescente de 15 anos, tímida e sonhadora, que se muda com o pai Raul (Will Prado) e o irmão Pedrinho (Vinícius Mazzola) para uma nova casa. Num quatinho nos fundos, Julie encontra um disco dos anos 80 e, ao colocá-lo na vitrola, acaba libertando três fantasmas: Daniel (Bruno Sigrist), Félix (Fábio Rabello) e Martim (Marcelo Ferrari), integrantes da Apolo 81, uma banda esquecida da década de 1980, mortos há mais de 30 anos em um misterioso acidente.

Os fantasmas acabam se tornando amigos de Julie ao identificarem a paixão da garota pela música. Tornando-se visíveis para Pedrinho e a melhor amiga de Julie, Bia (Samya Pascotto), o quarteto cria a banda *Os Insólitos*.

Os três espíritos começam a fazer parte do cotidiano da garota e ajudá-la com suas inseguranças, medos e aflições. Esses sentimentos estão muito relacionados com sua vida escolar, seu primeiro amor Nicholas (Michel Joelsas), rapaz que nunca olhara para ela até então. Nicholas também namora Thalita (Milena Martines), patricinha que, ao perceber que Julie está se tornando popular e despertando o interesse de seu namorado, começa a fazer de tudo para atrapalhá-la. A existência dos fantasmas também é ameaçada por Demetrius (Edu Guimarães), chefe da Polícia Espectral que começa a persegui-los ao saber que eles estão visíveis para os vivos.

É importante frisar que *Julie e os fantasmas* foi produzida no contexto que contemplava a aprovação da Lei nº 12.485, que significava o “primeiro marco regulatório convergente para a comunicação audiovisual no Brasil” (MASSAROLO et al., 2015, p. 160). A conjuntura da época buscava dinamizar a produção de conteúdos audiovisuais por meio de políticas públicas e incentivos governamentais como o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) e pela obrigatoriedade de cota de veiculação de produções brasileiras de produtora em canais por assinatura. Segundo Massarolo et al. (2015, p. 162), o número de ficções seriadas veiculadas em TV paga saltou de 2 em 2008, para 27 em 2011. Dessa forma, produção contou com financiamento das leis de incentivo da Ancine e do Fundo Setorial do Audiovisual aprovados em 2010 e gravações realizadas no Polo Cinematográfico de Paulínia e na cidade de Campinas.

Se tratando de uma coprodução entre TV aberta e paga, a série foi exibida pela Band entre 17 de outubro de 2011 e 4 de maio de 2012 e pela Nickelodeon entre 20 de outubro de 2011 e 29 de abril de 2012. Apesar de ser composta apenas de uma temporada, ambas exibições tiveram um hiato de três meses após o décimo episódio. Além das exibições originais, os episódios foram reprisados pela TV Brasil em 2014. Na América Latina, foi distribuída de forma panregional pela Viacom em seus canais Nickelodeon sob o título *Julie y los fantasmas*.

Na Band, onde ocorreu sua *premiere*, as exibições foram realizadas às segundas-feiras em horário nobre, às 20h25, iniciando-se em 17 de outubro de 2011. Na época, a emissora não dedicava outros espaços para a programação infantil. Segundo a

programação disponível na Folha Ilustrada⁵, antes da série era exibido o *Jornal da Band* e após o *Show da fé*. No mesmo horário, ao longo da semana eram exibidas séries estadunidenses como *Um tio da pesada* (2011-2006, FOX), *Família Moderna* (2009-atual, ABC) e o *reality show Projeto Fashion* apresentado por Adriane Galisteu.

A produção abarcou várias ações transmídia que abrangiam a interação com fãs no site e nas redes sociais como Twitter e Facebook, além do lançamento de produtos licenciados como camisetas, CD e cadernos.

A QUALIDADE NO PLANO DA EXPRESSÃO

Antes de iniciarmos a discussão de indicadores de qualidade, é interessante ressaltar que a premissa original⁶ criada por Paula Knudsen, Tiago Mello e Fabio Danesi era mais juvenil e tinha uma conotação mais sombria: Demetrius ansiava a alma de Julie. Com a entrada da Nickelodeon no projeto, a história foi readequada para abranger um público mais infantil, no entanto esta mudança aconteceu sem perder a ideia central de falar dos problemas de uma adolescente, chamando atenção para o duplo significado da palavra *fantasma* como pode ser observado no vídeo abaixo com a frase *trata de uma adolescente e seus fantasmas*.

A ambientação de *Julie e os fantasmas* busca ser lúdica, colorida e verossímil. Fortemente inspirada nos anos 1980, a fachada da casa da família de Julie dialoga com filmes da época que se passam em casas mal-assombradas.



Figura 1: Casa para onde a família de Julie se muda
Fonte: Captura de tela

Porém, seu interior é totalmente diferente do sombrio, as paredes e mobílias são coloridas de tons de vermelho, amarelo, azul e verde transformando o casarão num

⁵ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1710201106.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pA6fuqftQyc>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ambiente aconchegante de classe média. Tal opção de ambientação demonstra uma desconstrução das aparências e dialoga com o medo do desconhecido vivido por Julie.

O quarto dos fundos, no qual os fantasmas aparecem, acaba sofrendo uma transformação criativa por Julie e seu irmão Pedrinho e é personalizada com pôsteres de figuras importantes do rock como Janes Joplin, Elvis Presley, *Rolling Stones*, *The Cure*, *Clash*, entre outros colados no formato de lambe-lambe. Desta forma, é explicitada a relação apaixonada da jovem pela música e, principalmente, pelo rock. O espaço também se torna o local de ensaios da banda *Os Insólitos* com um palco, instrumentos e caixas de som comprados por Julie ao vender sua coleção de vinis raros.



Figura 2: Quarto dos fundos da casa de Julie
Fonte: Captura de tela

Por fim, a escola onde Julie estuda com seus amigos procura significar algo mais tradicional. Desde a fachada até os elementos cênicos em sala de aula, como lousas de giz, cadeiras e mesas de ferro e madeira, a verossimilhança com as escolas brasileiras é preservada. Nesse ambiente uniforme e controlado, Julie começa aos poucos se destacar principalmente quando seu estilo *rock* começa a transparecer.

O estilo *rock* oitentista permeia a caracterização da protagonista e dos fantasmas. Julie tem em seus figurinos camisetas coloridas e estampadas assim como calças em tons azuis, roxos, vermelhos e verdes. Outra característica são as pulseiras de plástico e miçangas coloridas e brincos com símbolos como estrelas. Também vale ressaltar que instrumentos musicais e aparelhos eletrônicos da protagonista são personalizados com adesivos de banda e outros *stickers* coloridos. Exceto em cenas de show, a personagem utiliza pouca maquiagem.

Os fantasmas têm figurino fixo durante toda a série e são bem maquiados para imprimir palidez a seus personagens. As roupas de cada personagem são as que eles se apresentariam em um show como Apolo 81 que não aconteceu em decorrência da

fatalidade. Daniel, o ex-líder e vocalista da Apolo 81, usa um terno preto sob uma camisa vermelha, tem seu cabelo encaracolado em um tom mais claro. Já Félix, o baterista, possui cabelo preto e arrepiado, usa calça roxa, uma camiseta branca *fullprint* e um colete. Por fim, Martim, tem uma franja e cabelo ruivo, com figurino composto por gravata, camisa cinza e calça preta.

A caracterização para shows da banda *Os Insólitos* procura ser divertido. Julie usa blusa grená e jardineira preta com uma faixa vermelha pintada entre o nariz e a testa. Já os fantasmas, para driblar a invisibilidade, se vestem macacões e cabeças fantasiadas de animais como touro, vaca e raposa.



Figura 3: Caracterização dos integrantes da banda *Os insólitos*
Fonte: Captura de tela

A série contou com trilha sonora original dirigida pelo produtor musical Rick Bonadio que trabalhou com bandas de sucesso como Rouge e Mamonas Assassinas, e na época das gravações trabalhava com o grupo NX Zero e a cantora Manu Gavassi, que fazem participações especiais em *Julie e os fantasmas*.

No total são 15 canções que abordam a questão da música, da personalidade e dos sentimentos e das características dos personagens ampliando e ressignificando o universo narrativo. Por exemplo, em *Essa noite somos um só* e *Deixa a música te levar* podemos identificar mensagens sobre ter coragem para ir em busca dos sonhos. *Ponto final* explicita a relação de Julie com os fantasmas que a apoiam em suas ações como no trecho *não sei se é normal/ mas sei que essa é minha vida e ponto final,/ no meu coração eu ouço toques invisíveis/ me dizendo a direção*. Em *Meu louco mundo* observa-se que a composição ao mesmo tempo em que trata da questão e dos dilemas de ser adolescente, apresenta a peculiaridade da vida de Julie, já que lida com fantasmas de verdade.

Já nas músicas interpretadas pelo fantasma Daniel como, por exemplo, *Está nas minhas veias* expressão o paradoxo que o personagem vive. Enquanto canta do seu amor por rock, a canção fala da importância de estar vivo, quando ele na verdade é um fantasma. A letra dialoga com a angústia e a dor do personagem de ter morrido cedo.

A questão de vida e morte também é tratada ironicamente nas letras como em trechos como a hipérbole *já estou morto de saudade de você* de *Bye, bye Julie*, que em sua boca se torna uma “quase” verdade já que ele está realmente morto. O trecho *o fato de não poder te tocar* em *O que o mundo me escolheu*, ganha outro sentido quando interpretado por um fantasma.

A música de abertura é interpretada pela integrante do grupo Rouge, Luciana Andrade. e faz alusão aos elementos da história. Por exemplo, no verso que informa que Julie pode enxergar coisas fantásticas, se referindo aos fantasmas. A abertura da série também é auto referencial, com a utilização de animação com elementos lúdicos relativos à personalidade dos personagens representados mesclando essa construção gráfica às cenas dos episódios.



Figura 4: Frames da abertura da série
Fonte: Captura de tela

A fotografia da série é naturalista, variando apenas em casos pontuais como sonhos ou *flashbacks* com a utilização de filtro para *esbranquiçar* da imagem. Tal fato pode ser observado na cena final do episódio *Entrando numa fria*, o qual Julie sonha com um dueto com a banda NX Zero.

Os fatos que se passam nos 26 episódios de *Julie e os fantasmas* acontecem de forma cronológica, desta sentido a edição da série é linear. Destacamos também que antes da exibição da abertura, é feita uma espécie de resumo dos episódios anteriores situando o telespectador até o ponto em que a narrativa continua.

O PLANO DO CONTEÚDO EM *JULIE E OS FANTASMAS*

Em 2011, quando foi exibida, o rock nacional estava em voga. Bandas como NX Zero e Fresno alcançavam as paradas das músicas mais tocadas e arrastavam milhares de fãs aos seus shows. Também se iniciava o movimento intitulado *Happy Rock*, liderado pela banda *Restart* com a moda retrô de roupas coloridas. Tal universo foi somado à história na qual Julie tinha talento e paixão, mas não tinha coragem de se apresentar em público nem se declarar para o garoto. Isto acontece com boa parte dos pré-adolescentes e gerou uma rápida identificação do público alvo.

Tendo como pano de fundo a música, o objetivo da série foi discutir temas da adolescência como timidez, medo do futuro, rejeição, conflito com os pais e amigos, amor e rivalidades. Porém, isso foi feito de forma superficial, principalmente na questão da rivalidade entre Julie e Thalita, a qual se detestam e se sabotam por conta de compartilhar o amor pelo mesmo garoto, Nicholas. Apesar de contar com um episódio todo dedicado às duas personagens, a série não busca estimular a sororidade, minimizar o ódio entre as duas.

Também de forma superficial, a relação do indivíduo com as leis é trazida numa analogia entre os fantasmas e o Código Espectral, materializado por Demetrius, Inspetor da Polícia Espectral. Desta forma, são introduzidos temas como respeito e transgressão às leis, abuso de autoridade e tortura. Como apresentado no episódio *Pagando mico* no qual Daniel é capturado e submetido a uma sessão de tortura assistindo vídeos de quando criança fazendo xixi nas calças e outras situações vexatórias. O objetivo da Polícia era impedir que a banda seguisse, porém sem sucesso. Considerando a idade do público alvo, a ampliação do horizonte do telespectador e o estímulo a reflexão de temas relevantes ainda que superficialmente estão presentes no programa e cumprem a sua função.

O apelo à imaginação é explorado atrações dos elementos sobrenaturais e do universo fantástico paralelo onde transitam os fantasmas e bem como suas habilidades de invisibilidade, atravessar corpos e paredes. Além disso, a forma como, principalmente, Félix e Martim se relacionam com Pedrinho, irmão mais novo de Julie.

Cada episódio de *Julie e os fantasmas* apresenta arcos narrativos centrais, um principal voltado para Julie e sua vida escolar e musical, e o outro secundário onde Félix e Martim ajudam Pedrinho, o irmão mais novo de Julie em variadas situações. Neste caso, Pedrinho é o responsável por invenções que estimulam a curiosidade e despertam

a criatividade. Por exemplo, no episódio *Enfrentando fantasmas* ele “desenvolve” um aparelho para se comunicar com os peixes do aquário. Porém, tal invenção não funciona e ele acaba ouvindo os fantasmas Félix e Martim.

Pedrinho e seu amigo personagens mais novos têm a função de transmitir algumas informações úteis ao público, como os perigos da internet. Como, por exemplo, no episódio *Seja como for*, Félix é diagnosticado como “grávido” por um site da internet.

Juliana, mais conhecida como Julie, mora com seu pai e seu irmão de 10 anos. Critica o mundo ao seu redor, admira e busca independência e autenticidade. Seu cabelo é cortado por ela mesma, o uniforme customizado assim como caderno e tênis marcando uma beleza diferente das outras garotas de sua classe. Circula por todos os grupos, mas não pertence a nenhum. Com a descoberta dos fantasmas na casa, sua vida muda completamente. Na companhia deles, Julie busca lidar com os fantasmas da adolescência e sair forte de cada desafio, como sua paixão secreta por Nicolas e seus embates com Thalita.

Nicolas é um dos garotos mais populares do colégio. Suas notas escolares são ruins pois ele busca passar a imagem de “nem aí com os estudos”. Porém o adolescente é nerd e não tem coragem de se assumir. Escondido dos olhos da escola, Nicolas joga RPG e passa horas no computador. Em classe, tira notas mais baixas do que poderia para disfarçar suas habilidades intelectuais, que não combinam nada com a sua popularidade e poderiam desinteressar sua namorada Thalita.

Namorada de Nicolas, Thalita tem seu visual exagerado. Está sempre com o celular da moda e atenta às últimas novidades tecnológicas, por mais que ela não saiba como funcionam. Thalita tem perfil manipulador e consegue que as pessoas ajam para que tudo aconteça exatamente da forma que ela quer e isso, em muitas vezes, interfere diretamente na vida de Julie.

Porém, Julie sempre conta com Beatriz, sua melhor amiga. Inteligente, desajeitada, quando Julie e os fantasmas formam a banda, Beatriz assume a função de produtora artística. Ela grava os clipes, marca os shows e faz a divulgação. É a partir de Bia que o público da série tem acesso aos ensaios, bastidores, músicas, vídeos experimentais, entrevistas, segredos com a criação de um blog e redes sociais.

Por fim, o trio de fantasmas é liderado por Daniel. De aparência egoísta, cético, cínico, esnobe, arrogante e materialista, no seu interior é sensível e romântico. Sua

grande paixão é a música e Julie. Martim é o baixista da banda, gosta de diversão, busca ser engraçado e se sente bem como fantasma. Félix é o baterista, sofre de hipocondria mesmo depois de morto, tem medos como de escuro, porém é extremamente habilidoso quanto à música. Todos os três fogem de Demetrius, chefão que vigia todo mundo. É a autoridade que pune os fantasmas que quebram as regras.

Cabe ressaltar também que a produção não apresenta diversidade de sujeitos representados. Todos os treze personagens são do estereótipo caucasianos e fazem parte da classe média econômica. Na escola também, não há interação dos personagens com outros sujeitos. Por se tratar de uma série infantojuvenil, os adultos quase não têm influência sobre a série, os pais de Julie aparecem em momentos específicos como conselheiros. Professores também têm a mesma função de funcionar como orientadores, sem intervenção direta no curso da narrativa.

A MENSAGEM AUDIOVISUAL TRANSMITIDA

A Band já havia produzidos produtos infantojuvenis em TV aberta, como a adaptação do livro homônimo *O meu pé de laranja lima* de José Mauro de Vasconcellos em 1998 e o *remake* da telenovela *Floricienta* (2004-2005, Canal 13), intitulada no Brasil como *Floribella* (2005-2006, BAND). Porém, das produções havia grande inserção de efeitos especiais. Desta forma, *Julie e os fantasmas* trouxe diversas possibilidades de experimentação nesta área. Desde o surgimento, desaparecimento e atravessamento de corpos físicos pelos fantasmas da trama às interferências “mágicas” entre fantasmas e humanos, além de promoverem a inovação no campo dramaturgic da emissora e produtora envolvida.

A originalidade do tema sobrenatural estimula a curiosidade sobre questões relativas à morte. Este tema é explorado de diferentes formas por cada fantasma como, por exemplo, Daniel que trama o assunto como algo melancólico, já Martim é o oposto, a morte lhe trouxe leveza. O último do trio, Félix, não consegue se desprender de seu passado e seus medos levando-os para o plano espiritual.

Todos estes sentimentos também se relacionam com o íntimo de Julie e, numa forma de união, o quarteto começa a procurar meios de se desprender de medos e angústias para evoluírem como pessoas e fantasmas.

Por se tratar de uma narrativa transmídia, houve interações entre a emissora e a comunidade fãs, a comunicação se deu através de site, blog e redes sociais. No site da

série⁷, além de encontrar informações como sinopse, perfis dos personagens, fotos e íntegras dos episódios, foi criada uma sessão de blog assinada pela personagem Bia, assessora de *Os insólitos*. Ela interagiu com posts sobre dicas de estilo, bastidores da banda, promoções de artigos da série. No Facebook⁸, foi mantida durante a exibição nas emissoras Band e Nickelodeon uma página com disponibilização de links e vídeos sobre a série.

O Twitter⁹ era direcionado para uma comunicação mais direta com os fãs, com solicitação de participação em pesquisas, promoções na própria rede social, disponibilização de fotos de bastidores e comentários realizados durante os episódios. Na plataforma, surgiram, criadas por fãs, hashtags como #VemProMundoMichel, na qual Michel Joelsas, o Nicolas da série era convidado pelos fãs e pelos colegas de elenco a criar uma conta no Twitter.

A produção da série adotou a *hashtag* e fez vídeos com o elenco e cantores de outras bandas. Estes vídeos foram disponibilizados no canal do YouTube¹⁰ da série, que também contava com promocionais da série e vídeos de bastidores. Assim, o público podia ter uma ideia de como ocorriam as gravações da série e das canções, bem como o dia-a-dia dos atores, possibilitando uma imersão no universo e noções dos processos produtivos de um seriado de televisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, os elementos da narrativa da série ficcional *Julie e os fantasmas* imbricados em uma mensagem audiovisual proporcionam uma experiência estética ao telespectador infantojuvenil que, mesmo em 2011 e 2012, já transcendia a tela da televisão e migrava para outras plataformas como a internet e as redes sociais.

Destacamos o bom uso dos recursos técnico-expressivos na construção da história, bem como a originalidade do tema e sua abordagem considerando o público alvo. Ambos são potenciais despertadores da curiosidade infantil sobre questões existenciais e sobre temas relacionados entre vida e morte.

⁷ Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20130316024657/http://blogs.band.com.br:80/julieeosfantasmas/page/2/>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

⁸ Disponível em: <<https://facebook.com/julieeosfantasmas>>. Acesso em: 16 abr. 2021.

⁹ Disponível em: <<https://twitter.com/julieefantasmas?lang=en>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCBZy7SuOutBr1zdMFhosTGg>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

Partindo de amores juvenis, a temática sentimental e do adolescer é constante na série. Porém estes temas não são tratados em profundidade, principalmente a questão de rivalidade entre Julie e Thalita que não é sustentada com motivações relevantes.

Pedrinho, irmão de Julie na série, com seu perfil inquieto e questionador serve de elo entre temas relevantes e o público, como os perigos da internet, os diagnósticos de doenças online e a automedicação. Este é o personagem que mais dialoga com a questão educativa da série.

Segundo Pereira (2005, p. 20) para as crianças “a experiência televisiva envolve frequentemente uma carga de natureza emocional e lúdica que a produção e a programação não podem descurar”. Desta forma, este estudo se demonstra relevante, já que é fundamental conhecer e discutir o que é pensado, concebido e exibido ao público infantojuvenil para oferecer um mapeamento de estratégias de qualidade e fomentar a promoção de atitudes e comportamentos pautados na crescente exigência estética, crítica, sócio moral e interventiva do contexto contemporâneo.

Se tratando de uma série transmídia, a emissora buscou estar presente e manter diálogo com os fãs. Percebeu-se, nesta análise, que a comunidade fã esteve bastante ativa durante a exibição da série com o uso de *hashtags*, criação de fã-clubes e interação nas páginas oficiais reforçando a expansão da série para outros espaços além da TV.

De encontro a esse movimento, Pereira (2005, p. 21) reforça que “é um fato que a televisão forma. Ela possui essa faceta que constrói, enuncia e representa ideias, valores, atitudes, crenças e ideologias num registro que seduz o público infantil”. Nesse sentido, os programas que buscam qualidade, a transmidiação, bem como a educação midiática podem “contribuir para a formação de públicos mais informados, mais críticos, seletivos e criteriosos que vão também exigir uma programação exigente e de qualidade” (PEREIRA, 2005, p. 17).

Pela relevância que a televisão possui no cotidiano do público infantil, é imprescindível que exista uma programação baseada em parâmetros de qualidade, aliando componentes formativos, pedagógicos, lúdicos e de entretenimento a fim de proporcionar às crianças acesso a diversidade de informações e contextos culturais e atendendo ao envolvimento afetivo, que é potencialmente estabelecido por este tipo de público com os produtos audiovisuais e midiáticos.

REFERÊNCIAS

BORGES, Gabriela. **Qualidade na TV pública portuguesa**. Análise dos programas do canal 2: Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014 a.

BORGES, Gabriela. Opções de dramaturgia e encenação no programa infantil Teatro Rá Tim Bum! **Geminis**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 56–70, 2014 b. Disponível em: <<https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/183>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

BORGES, Gabriela; SIGILIANO, Daiana. Qualidade audiovisual e competência midiática: proposta teórico-metodológica de análise de séries. In: XXX ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS 2021, Campinas. **Anais** [...]. Campinas p. 1–26. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos-2021/trabalhos/qualidade-audiovisual-e-competencia-midiatica--proposta-teorico-metodologica-de-analise-de-series-ficcionais>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo; MUNGUOLI, Maria Cristina Palma. Qualidade da Ficção Televisiva no Brasil: elementos teóricos para a construção de um modelo de análise. In: XXII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS 2013, Salvador. **Anais** [...]. Salvador p. 1–16. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_2078.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4ª ed., São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

MASSAROLO, João; MESQUITA, Dario; CÂMARA, Naiá; ARAB, Analú; MILANETTO, Giovana; MARLET, Ramon; PADOVANI, Gustavo; CAETANO, Lucas; TROMBETA, Gabriela. Redes discursivas de fãs da série Sessão de Terapia. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.). **Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira**. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEREIRA, Sara. A qualidade na televisão para crianças. **Comunicar**, [S. l.], v. XV, n. 25, p. 1–23, 2005. Disponível em: <<https://recyt.fecyt.es/index.php/comunicar/article/view/25697>>. Acesso em: 10 maio. 2021.

PUJADAS, Eva. A qualidade televisiva além de um conceito politicamente correto. conteúdos e perspectivas envolvidas. **Revista Matrizes**, [S. l.], v. 2, p. 235–248, 2013.

ROMÃO, José Eduardo; CANELA, Guilherme; ALARCON, Anderson. **Manual da nova classificação indicativa**. 1ª ed., Brasília: Ministério da Justiça, 2006.